

Arrecadação supera alta do PIB

O crescimento de 5,7% do PIB (Produto Interno Bruto) no segundo trimestre deste ano sobre igual período de 2003 é prova de que a economia de fato reagiu, na avaliação de empresários. Mas quem ganhou mesmo no período foi o governo, na análise de empresários reunidos no Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial). “Enquanto o PIB cresceu 5,7% no segundo trimestre sobre igual período de 2003, a arrecadação de impostos sobre produtos e serviços aumentou 9,1%. Isso mostra que quem está se apropriando da renda do país é o governo por meio de uma carga tributária maior”, afirma Julio Gomes de Almeida, diretor-executivo do Iedi.

Para a Confederação Nacional da Indústria, o crescimento do

PIB demonstra que “a situação da indústria como um todo ainda não é motivo para preocupações, porém, o mesmo não é verdade para alguns setores específicos”. Mas os setores de madeira, têxtil, de máquinas e equipamentos “são fortes candidatos para um esgotamento no curto prazo caso os investimentos não se concretizem de imediato”, segundo estudo dos economistas Paulo Mol e Renato Fonseca. Mesmo com essa ponderação, a CNI reviu sua projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para 2004, elevando-a de 4% para 4,5%.

Por outro lado, um setor começa a comemorar os efeitos do crescimento econômico. Após anos em recessão, a construção civil deve retomar o fôlego em

2004 e acompanhar o ritmo de crescimento do país. A previsão foi feita por empresários. “A construção deve crescer neste ano entre 4% e 4,5%, mesmo resultado esperado para o crescimento da economia do país. Já estamos revendo nossos números (*a previsão inicial era de crescimento 2,5% a 3% para este ano*)”, afirma Romeu Chap Chap, presidente o Secovi-SP, sindicato da habitação. “É preciso lembrar que, em 2003, tivemos o pior resultado dos últimos dez anos”, acrescentou.

O ministro do Planejamento, Guido Mantega, está otimista e acredita em um bom período de crescimento. “Eu não concordo com a tese defendida por alguns economistas de que o atual crescimento vai provocar pressões

inflacionárias, pois ele está sendo puxado pelo aumento das exportações e pelo forte crescimento do setor de bens de capital”, argumentou. “Não estou preocupado com indicadores de capacidade ociosa”.

O presidente da Força Sindical, João Carlos Gonçalves, o Juruena, não tem o mesmo otimismo de Mantega, porque há sinais de aumento dos juros. “Criaram um ambiente no qual a participação da renda do assalariado deve diminuir, para não termos risco de inflação por aumento de consumo”, observou. “Os empresários já se mostram mais reticentes em negociar aumentos reais de salário porque começam a projetar alguma queda de atividade se os juros subirem”, complementou.